

Uma educação para o cidadão do novo século (2)

O GLOBO

MOACYR DE GÓES #3 FEV 1997

No artigo anterior procuramos refletir sobre a transição do arcaico para o novo nas atuais condições históricas. Indagamos qual a bagagem a levar do século XX para a construção de novos paradigmas em educação. Optamos em nos plantar na revolução científica e tecnológica sem abrir mão da utopia da sociedade justa. Hoje concluímos estas reflexões que, evidentemente, permanecerão em aberto.

Hobsbawn*, uma das vozes mais lúcidas da História em nossos dias, estuda o século XX sob os marcos das datas 1914-1991. Assim, para ele, o Breve Século XX já terminou e afirma em seu livro "Era dos extremos":

"O Breve Século XX acabou em problemas para os quais ninguém tinha, nem dizia ter, soluções. Enquanto tateavam o caminho para o Terceiro Milênio em meio ao nevoeiro global que os cercava, os cidadãos do *fin-de siècle* só sabiam ao certo que acabara uma era da História. E muito pouco mais. O fato mesmo de terem surgido, depois de 1989, dezenas de estados territoriais sem qualquer mecanismo independente para determinar suas fronteiras (...) já fala por si (...). Não estava claro nem mesmo se todos os estados, grandes ou pequenos, velhos ou novos — com exceção de uns poucos — existiriam em sua presente forma quando o século XXI atingisse seu primeiro quartel."

Hobsbawn reafirmará suas conclusões em entrevista** na qual dirá: "Não acredito (...) que os problemas que enfrenta-

mos no passado tenham sido resolvidos. Eu diria até que não parece que eles serão resolvidos num futuro próximo."

Do exposto poderemos tirar três conclusões básicas — inclusive no campo da educação:

1. A "bagagem" de problemas não resolvidos que teremos de levar do século XX para a frente é bem maior do que parece à primeira vista;

2. Historicamente, o novo século já começou. Já não se trata de futuro e sim do presente de uma nova era;

3. Caminhamos neste tempo de hoje em meio ao nevoeiro global de que nos fala o grande historiador.

É significativa a fina ironia inglesa de Hobsbawn: enquanto os autores dos modismos falam em economia global, cultura global, política global — ele fala em nevoeiro global. É evidente o conteúdo ideológico do termo globalização. Assim como antigamente a mídia foi dominada pela expressão Cortina de Ferro quando estavam em jogo os interesses da guerra fria. Aos alfabetizados com espírito crítico não escapa o fato de globalização ser o neologismo que embrulha em novas embalagens as antigas concepções do nascente capitalismo das repúblicas de Gênova e Veneza (século XVI), consolidadas pela Revolução Industrial Inglesa (séculos XVIII e XIX). O Salomão bíblico tinha razão: não há nada de novo sob o sol... dos territórios capitalista e imperialista, acrescento eu.

É curioso lembrar que quando o termo globalização começou a circular entre nós, a classe dominante foi na onda sem nenhum espírito crítico: possivelmente

havia, apenas, a expectativa de ganhar mais dinheiro. Quem alertava sobre as implicações em embarcar nessa canoa era chamado de comunista, de Lula metalinguístico ou de Brizola atrasado. Hoje, os patrões já começam a pôr um pé atrás. Merheg Cachum, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Material Plástico (Abiplast) diz***:

"Precisamos desenvolver o patriotismo no nosso país. (...) Os estrangeiros estão adquirindo empresas brasileiras a preços simbólicos, se aproveitando dos danos causados pelo processo de abertura."

Já Paulo Butori, presidente do Sindicato das Indústrias de Autopeças (Sindi-peças) é mais direto****:

"... a globalização não passa de um jogo inventado pelos países ricos para ganhar mercados. E (...) o Brasil ainda não aprendeu as regras desse jogo."

Quando nós nos lembramos da prática dos empresários em 1964, percebemos que essa classe dominante está aprendendo muito tarde. Mas, antes tarde do que nunca. É a dialética da vida.

Finalmente, e tentando uma síntese do que aqui foi dito nestes dois artigos, podemos afirmar que vivemos uma nova era histórica. No campo da educação percebemos que os séculos XIX e XX, com o taylorismo e o fordismo, criaram o homem produtor e consumidor. Hoje, a educação está cada vez mais fundada na informação informatizada e isso torna

previsível uma revolução gerencial capaz de abrir um grande leque do saber para conhecer, selecionar, armazenar e transformar as informações, ferramentas da competição crescente do mercado mundial. Isso não ilide nosso compromisso de reforçar na escola o espírito crítico (a informação estará a serviço de quem?) e nossos compromissos em construirmos a cidadania num reino de justiça e liberdade.

Cada época histórica tem seus instrumentos de trabalho, alguns politicamente transformados em símbolos e inscritos em bandeiras. O século XX introduziu a foice e o martelo. O século XXI traz o computador. Independentemente do ícone, o importante é saber como colocar a revolução científica e tecnológica a serviço da democratização, da sociedade justa, da dignidade do trabalho e como apagar a vergonhosa mancha dos excluídos na sociedade e na escola.

Hoje, todas as sociedades civilizadas estão preocupadas com o modelo de escola que surgirá no alvorecer destes novos tempos. Para concluir, cito o "Informe de la Comisión Nacional para la Modernización de la Educación" no Chile****. Nele, Jaime Lavados Montes, reitor da Universidade do Chile, afirma:

"...vivimos un dramático cambio de paradigma (...). En la sociedad industrial, marcada pela usina, el alto horno y la línea de montaje, las exigencias básicas de

la educación no iban más allá de un nivel de alfabetización compatible con la comprensión de procesos mecánicos elementales y repetitivos. En la era postindustrial, en cambio, el conocimiento y la creatividad son fundamentales para generar permanentemente nuevos productos y servicios. Así, cobran importancia creciente la capacidad de innovación, y la de manejar un pensamiento abstracto y traducirlo a los términos de la informática."

Neste começo de novos tempos, assim, é possível perceber a responsabilidade dos atuais gestores da educação em formular novas políticas para o ensino, discutindo a questão com os cidadãos; na necessidade de o poder público investir mais na escola e, finalmente, na urgência que tem o Brasil em preparar um novo profissional para a futura sala de aula que, com a revolução científica e tecnológica, estará de cabeça para baixo e os olhos postos além do horizonte.

*Hobsbawn, Eric. "Era dos extremos". "O breve século XX — 1914-1991". Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

**O GLOBO de 26 de outubro de 1996 (Rio de Janeiro).

***O GLOBO de 7 de novembro de 1996 (Rio de Janeiro).

****O GLOBO de 7 de novembro de 1996 (Rio de Janeiro).

*****Chile. "Los desafíos de la educación chilena frente ao século XXI". Editorial Universitaria. Santiago de Chile 1995.

MOACYR DE GÓES é escritor.